

CANTO DE MURO: UMA ABORDAGEM DE INVESTIGAÇÃO ZOOLOGICA NA OBRA DE CÂMARA CASCUDO

Bruno de Paiva Rêgo
Elineí Araújo-de-Almeida

Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Centro de Biociências da UFRN
brunodepaivarego@gmail.com

Professora do Departamento de Botânica e Zoologia, Centro de Biociências da UFRN
elineiaraujo@yahoo.com.br

RESUMO: Essa pesquisa teve como objetivos de identificar as informações científicas contidas em Canto de Muro e expressar como estão relacionadas aos personagens animais construídos por Câmara Cascudo. A pesquisa documental foi desenvolvida investigando-se os capítulos que fazem parte da obra. A fonte de análise correspondeu aos vinte e quatro capítulos que compõem o livro. A investigação metodológica empregada focou em elementos da análise de conteúdo sistematizada em Bardin (2010), onde os dados foram coletados na obra bibliografada. A categorização nos forneceu subsídios para analisarmos e organizarmos metodologicamente as ideias e centralizá-las de forma homogênea na emergência dos conteúdos zoológicos presentes nos capítulos da obra de Cascudo. Dos 24 capítulos analisados da obra de Cascudo, foi possível verificar que há uma abordagem bem expressiva da ocorrência dos vertebrados em relação aos invertebrados, apresentando-se em 62% de toda a fauna presente no decorrer do livro. Sendo representativa nos capítulos uma porcentagem bem significativa das aves (31%), seguida pelos mamíferos (18%), répteis (10%) e anfíbios (3%); os invertebrados, artrópodes em grande maioria, correspondem a 38%. Foi possível a visualização de histórias que por diversas vezes pareciam-se mais com relatos de termos científicos baseados em pesquisas do autor. Os aspectos filogenéticos, as nomenclaturas científicas, e, os conceitos taxonômicos e comportamentais das espécies animais foram um alvo alcançado. Foi perceptível também perceber uma aproximação das informações aos conceitos biológicos, que fundamentaram importantemente na contribuição para a formação zoológica do leitor. A exploração zoológica tornou-se evidente durante toda a abordagem científica em que o autor baseou-se na construção de sua obra.

Palavras-chave: Ensino de zoologia, Análise de conteúdo, Ciência na literatura, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Luís da Câmara Cascudo, em seu livro Canto de Muro, aborda um estudo das características comportamentais e fisiológicas de várias espécies animais que observa, nesse caso, escondido atrás de uma samambaia, no aludido canto de muro (MELLO, 2002).

Esta obra é poeticamente romanceada, como o qualifica, com humor. O autor se curva sobre o mundo dos animais que se prestam a serem personagens, insetos, aracnídeos, anfíbios, aves, répteis e pequenos mamíferos enriquecem a singularidade do espaço ao estarem postos em narrativas humanas e naturais, buscando conexões com outras regiões do Brasil, privilegiando sempre a nuance do folclore. Estes recebem nomes, são habitantes e visitantes de um grande quintal de casa.

A história contada foi observada em Natal, num canto do muro velho, onde árvores, trepadeiras, chão, ruínas e refugos preservam vivências diminutas em constantes modificações (SILVA, 2006). Concordando-se com Lacerda (1969, p. 211): “a pujante e extraordinária personalidade poética aliada à do homem de ciência, investigador incansável e erudito” revelada nas páginas do Canto de Muro nos fez analisar a obra de Cascudo pelo seu enfoque poético, romancista e folclórico no qual se insere em pesquisas e observações zoológicas, vivenciando os hábitos, comportamentos e maneiras com que tratou cada capítulo presenciado e tomado como conhecimento adquirido ao longo de fatos.

Os contos populares, para os românticos, foram demonstração exata da alma do povo, símbolos duma época remota e densa fase espiritual e cultural que em contemporaneidade convive ainda nas crianças e nos poetas (LACERDA, 1969). O escritor norte-riograndense, em sua obra de gênero único, apresentou-nos uma história natural romanceada, onde o cientista observador foi às vezes confundido como um poeta numa simbiose encantadora. Animais, plantas e coisas de um canto de muro, ganharam do autor um tratamento paternal, afetuoso, numa linguagem bem próxima da poesia que de quaisquer outras expressões humanas.

Em seus capítulos, Canto de Muro nos abasteceu de histórias que por diversas vezes pareceram-se mais com relatos de termos científicos baseados em pesquisas do autor, embora por meio de asserções baseadas em fatos documentaram de forma objetiva os aspectos filogenéticos, as nomenclaturas científicas, e, os conceitos taxonômicos e comportamentais das espécies animais analisadas no decorrer da obra.

Retomando-se o cursar da leitura do Canto de Muro, foram notórios trechos dentre os quais englobaram os descritos temas adquiridos. Cascudo (2006) lançou sua arquitetura sob seus apanhados:

(...) Raca, a jararaca temida, *Bothrops jararaca*, vinda dos arredores, entrando pela brecha do muro num espreguiçamento indolente, reluzindo suas escamas verde-oliva onde as manchas escuras e triangulares, orladas de amarelo baço, vestem-na de certo luxo. Permanece alguns dias descansando e vigiando a família de Musi [proprietária de uma família de ratos] que se aboletou no frio e abandonado fogão de chapa, podendo criar os frutos dos amores sucessivos com relativa segurança e possível fartura. (...) Raca sabe desta simpatia de Musi e procura a cozinha como a um farnel de reserva. Musi naturalmente desenvolve técnicas defensivas para livrar a espécie do paladar de Raca. (p. 15).

Gô [um rato] desaparecera definitivamente e Sofia [uma coruja] retomou o voo para a caçada noturna. Não passou fome porque um Quiró [nome dado pelo autor ao táxon Chiroptera que envolvem os morcegos] caiu-lhe nas garras e bico antes que atingisse o cajueiro. Pôde então ceiar, desfazendo o morcego das asas tépidas, arrancando-lhe a carne vermelha do tórax e da barriga, triturando os ossos delicados com vagar e sabor. (p. 21).

Em relação aos aspectos filogenéticos, tratou que: “O hábito de fazer reservas na sua caverna evidencia que Gô possui antepassados vivendo em terras de inverno que obrigavam a um estágio mais ou menos prolongado nas atividades predatórias” (CASCUDO, 2006, p. 45).

Remetemo-nos a Silva (2006) que abordou sobre a procura da base científica incorporada à obra de Cascudo, este autor informou que ela encontra-se oferecida numa curiosa ambivalência: “ao mesmo tempo em que o naturalista nordestino acata especialistas renomados, desde Plínio, Buffon e Cuvier, tem o prazer de contestá-los, com ironia, ao exibir resultados de sua “pesquisa” no âmbito brasileiro” (p. 26).

Concordamos com Albuquerque (2002), pois é verídico cientificamente encontrarmos em muitas passagens as quatro questões fundamentais do estudo do comportamento: causa; filogênese, acenada anteriormente; ontogênese e função.

Abrangendo a causa da insensibilidade, Cascudo mencionou: “Será que Quiró segrega com a saliva uma substância analgésica, suprimindo a dor da esfoladura e sucção na carne viva?” (p. 36). Tomando a ontogênese como registro, observamos, por exemplo, os insucessos na captura de presas de jararaca, visto como: “Suas glândulas desenvolviam-se com lentidão desesperadora e surpreendia-se em ver escapar a presa depois de picada e fugir com um ar de mangação integral” (p. 100); e, por fim, sobre a função do comportamento, foi perceptível o papel do canto dos insetos e aves ao retomarmos o pensamento de que precisam de características sonoras para atrair parceiros.

A apreciação e relato de Silva (2006) nos fornece uma imprescindível fundamentação sobre a obra Cascudiana:

Cascudo descobre um ótimo expediente para batizar os bichos que põe em cena, criaturas do espaço do romancista. Enxerga-os como indivíduos que merecem um nome especialmente inventado, porém, comum a cada gênero porque são muitos, como as baratas e os ratos, e porque se sucedem rapidamente no quintal, por força da curta duração de suas vidas – veja-se o escorpião. Não o satisfaz o anonimato do rótulo da zoologia, que toma como abonação generalizadora. Prefere promover uma relação de familiaridade do narrador com eles, colorida por um certo tom hipocorístico. Adota formas populares, como Guaxinim; cria nomes a partir da figura da personagem – Vênia, a lagartixa, sempre balançando a cabecinha –; confirma em Sofia a sabedoria secularmente conferida à coruja; recupera os apelativos dos únicos animais domésticos que cruzam o quintal – a galinha Dondon e o gato Brinco –; mas, na maior parte das vezes, separa palavras e segmentos na denominação científica ou escolhe parcelas do termo que classifica a família no reino animal. Titius é o escorpião ou lacrau, saindo de *Tityus bahiensis*, Perty; Licosa, a enorme aranha negra, de *Lycosa raptoria*, Walckenser; Niti, bacurau e curiango, de *Nyctidromus albicollis*, Quiró, dos quirópteros, Raca, de *Bothrops jararaca*, e assim por diante. (p. 26).

Deleitar-se por essa passagem fez-nos acreditar que Cascudo não esteve só preocupado em descrever uma história romanceada e poética, mas igualmente propôs por meio de seu impulso pesquisador e observador ensinar através das nomenclaturas científicas o leitor a apaixonar-se pela zoologia e seus afins no estudo do comportamento.

Remetemo-nos a Neves (2008) para fortalecer ainda mais essa presunção:

Considerando o processo de construção das personagens de *Canto de Muro*, podemos sugerir que a adesão do leitor não se dá em relação ao personagem em particular, mas a uma certa perspectiva adotada pelo narrador naturalista, que nos leva a observar junto a ele cenas e seres normalmente ignorados pela média das pessoas. Utilizamos a expressão narrador naturalista, no sentido de observador de espécies da natureza. Como os seres descritos constituem amostras, exemplares que representam a espécie; o envolvimento do leitor com texto poderá ser efetivado mais facilmente tendo em vista o conhecimento produzido pelo narrador. (p. 19-20).

Esteve focado com a interdisciplinaridade entre a literatura e a ciência em que se fez evidente em todas as 230 páginas de sua obra. Podemos então inferir que: “Ciência e literatura, apesar das suas linguagens específicas e de métodos próprios, ganham quando postas em interação e ganha a humanidade quando se apercebe das diferentes leituras que as duas abordagens lhe permitem fazer.” (GALVÃO, 2006, p. 36).

Diante dessas considerações, essa pesquisa teve como objetivos identificar as informações científicas contidas em *Canto de Muro* e expressar como estão relacionadas aos personagens animais construídos por Câmara Cascudo.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa documental foi desenvolvida investigando-se os capítulos levantados da obra *Canto de Muro* do autor Luís da Câmara Cascudo. As fontes corresponderam aos vinte e quatro capítulos do livro, somando-se um total de vinte e cinco com o Depoimento apresentado no livro. As narrativas tornaram-se relevantes porque relatam cientificamente a história de animais que habitam um ambiente fictício em um canto de muro, envolvendo personagens diferenciados descritos ao longo da obra.

A investigação metodológica empregada focou no uso de elementos da análise de conteúdo sistematizada em Bardin (2010), onde os dados foram coletados na obra bibliografada. A categorização nos forneceu subsídios para analisarmos e organizarmos metodologicamente as ideias e centralizá-las de forma homogênea num encaixe zoológico dos capítulos da obra de Cascudo, servindo para tomarmos como direção para a pesquisa científica.

O método de análise de conteúdo tem sido empregado frequentemente para fundamentar aspectos metodológicos, transformar e visualizar informações contidas nos documentos disponibilizados, como também permite quantificar dados qualitativos descritivos. Também, segundo Bardin (2010), é útil para direcionar raciocínios para elaboração de categorias emergentes, um elemento que estimula a busca de leituras comparadas e assim, promove um maior entendimento sobre o conteúdo em análise. Enquanto metodologia que explora aspectos comparativos para análise das fontes de dados, permite expor conteúdos inéditos a partir de uma amostra analisada. Levando em consideração esse raciocínio de construção do conhecimento, alguns trabalhos envolvendo conteúdos sobre animais foram desenvolvidos, entre eles citam-se: Nascimento et al. (2010), Araújo-de-Almeida (2012), Marinho et al. (2012) e Monteiro e Araújo-de-Almeida (2016).

As diversas categorias presentes se deram por meio da elaboração de uma tabela que serviu como uma ficha de observação, em que se apresentou como fundamental importância para guiar as ideias do pesquisador e engajá-las num aspecto que deu suporte ao que o autor quis retratar em sua magnitude. Os aspectos categóricos avaliados designaram-se em: a) distribuição dos táxons zoológicos retratados em Canto de Muro; b) análise dos capítulos que desvendam o título nos dois parágrafos iniciais; c) distribuição das diferentes temáticas em que o autor interpreta o papel de cada capítulo; d) análise comparativa das personagens zoológicas que fazem referência aos nomes científicos; e) investigação sobre a veracidade das informações científicas contidas na obra de Cascudo; f) investigação fundamentada na ocorrência dos animais no RN nomeados pelo autor que foram descritos cientificamente; g) análise dos hábitos dos invertebrados contidos em Canto de Muro; h) análise dos hábitos dos vertebrados contidos em Canto de Muro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 24 capítulos analisados da obra de Cascudo, podemos verificar na Figura 1 que há uma abordagem bem expressiva da ocorrência dos vertebrados em relação aos invertebrados, apresentando-se em 62% de toda a fauna presente no decorrer do livro. Somos abarcados nos capítulos por uma porcentagem bem significativa das aves (31%), seguida pelos mamíferos (18%), répteis (10%) e anfíbios (3%); os invertebrados, artrópodes em grande maioria, correspondem a 38%.

Distribuição dos táxons zoológicos retratados em Canto de Muro

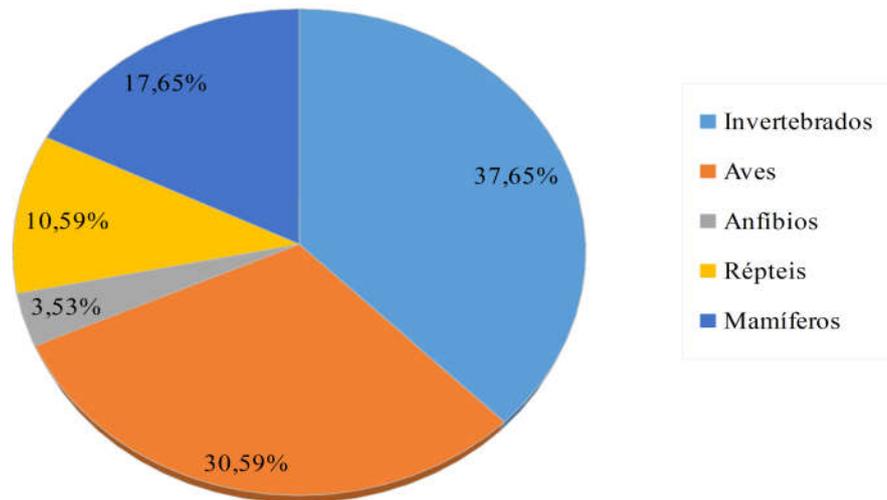


Figura 1 – Distribuição dos táxons zoológicos retratados em Canto de Muro.

Fonte: Dados da análise.

Ao longo de toda a leitura romanceada, fomos postos a diversos tipos de indagações que em vezes nos foram reveladas, tais como, a análise dos capítulos que desvendaram o significado do título nos dois parágrafos iniciais. Verificou-se uma tendência do autor em nos mostrar em linhas iniciais o sentido a serem repassados em seus títulos, estes englobam 79% dos capítulos, os 21% restantes não nos informam nem no primeiro e nem no segundo parágrafo o que será retratado em seus contos, sendo necessário um aprofundamento maior sobre a temática em questão. Esses 21% podem ser traduzidos em quantidade, 5 capítulos: O bacurau-mede-léguas; De como Licosa perdeu uma pata e o mais que sucedeu; Simples vida da cobrinha-de-coral; De re aliena; e, A raposa e o avião.

O autor, em cada capítulo, tratou de um modo especial a história com que narrava, descrevia e deixava em fato. Analisando a Figura 2, podemos informar que na maioria dos tópicos relevantes da obra, compreendemos que tomou como um narrador que passava a maior parte do tempo contando histórias relevadas pela zoologia consistente na obra em questão, 33% se fizeram presentes nesse aspecto, sendo acompanhado pelos tópicos de narrador-romancista com 29%, cientista-historiador com 17%, narrador-observador com 13% e observador-romancista com 8%.

Distribuição das diferentes temáticas em que o autor interpreta o papel de cada capítulo

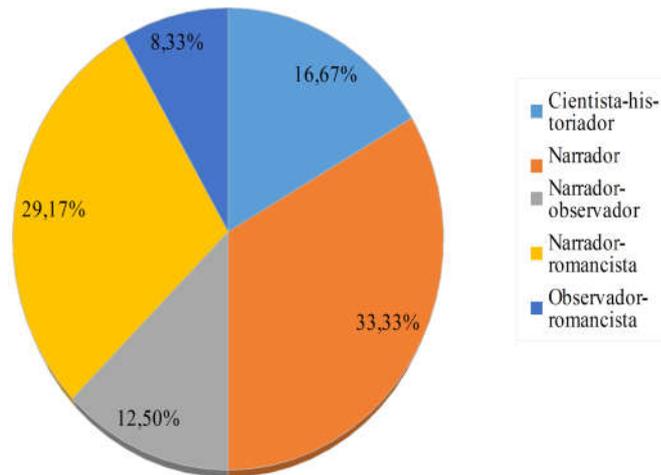


Figura 2 – Distribuição das diferentes temáticas em que o autor interpreta o papel de cada capítulo.
Fonte: Dados da análise.

Outro aspecto levantado no livro foi em decorrência da análise comparativa das personagens zoológicas que fazem referência aos nomes científicos, onde podemos analisar que os invertebrados receberam mais nomes ligados aos táxons em que se encontram do que os vertebrados. A notável preocupação do autor em repassar nomes que se ligavam aos táxons faz-nos perceber que esteve ciente de contribuir na perspectiva do ensino na zoologia. Os 63% de dominância na atribuição de nomes lembrados pelo enfoque científico nos invertebrados torna-se perceptível na Figura 3.

Análise comparativa das personagens zoológicas que fazem referência aos nomes científicos

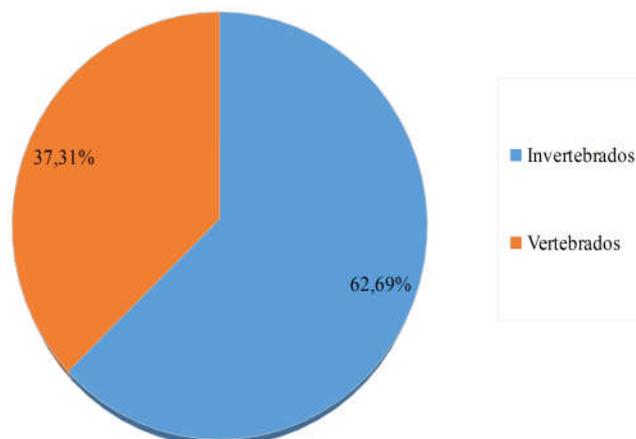


Figura 3 – Análise comparativa das personagens zoológicas que fazem referência aos nomes científicos.
Fonte: Dados da análise.

A feição bem marcante e consistente na obra de Câmara Cascudo foi a investigação sobre a veracidade das informações científicas, na qual pontos relevantes foram marcados, como: se o nome científico estava demonstrado corretamente, se alguns aspectos do hábito comportamental estavam postos de forma correta e, se o autor dava qualidade antropomórfica aos animais aludidos em seus capítulos. Em todos os capítulos, os pontos discorridos foram notórios, representando 100% de nossa amostra.

A busca por descrições científicas das espécies zoológicas pelo sistema binomial que foram acenadas tornou-se também preocupação marcante do autor, porém de acordo com a Figura 4, podemos observar que na investigação fundamentada na ocorrência dos animais no RN nomeados pelo autor em que foram descritos cientificamente, houveram, de fato, equívocos em descrever que as espécies *Bothrops jararaca* e *Tityus bahiensis* apresentavam-se na fauna potiguar. De acordo com Hoge & Romano-Hoge (1978, 1979), a *B. jararaca* é uma espécie com ampla distribuição no sudeste da América do Sul, e, ressaltando-se com Rodríguez-Acosta & Reyes-Lugo (2004), *T. bahiensis* distribui-se amplamente da Bahia ao Mato Grosso, no norte da Argentina e Paraguai. Estas duas espécies não ocorrentes no Rio Grande do Norte representam uma porcentagem de apenas de 8%.

Investigação fundamentada na ocorrência dos animais no RN nomeados pelo autor em que foram descritos cientificamente

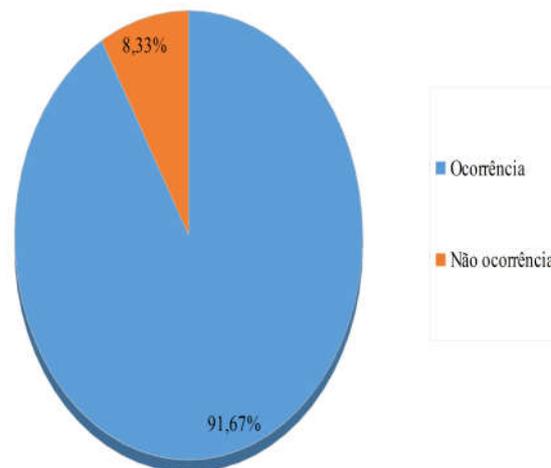


Figura 4 – Investigação fundamentada na ocorrência dos animais no RN nomeados pelo autor em que foram descritos cientificamente.

Fonte: Dados da análise.

Por fim de diagnóstico, as Figuras 5 e 6 nos informam a análise dos hábitos dos invertebrados, primeira figura, e de vertebrados, segunda figura, contidos no livro Canto de Muro. Na Figura 5, podemos notar que há uma maior ocorrência de animais invertebrados que são diurnos e noturnos, representando 65% de toda a fauna observada, seguindo-se pelos

(83) 33, (2004) 2.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

noturnos com 18% e pelos diurnos com 17%. Já na Figura 6, dos vertebrados, é evidenciado que a maior parte, 47% dos animais descritos ao longos dos capítulos são diurnos, em seguida os diurnos e noturnos caracterizam 35% e noturnos com 18%.

Análise dos hábitos dos invertebrados contidos em Canto de Muro

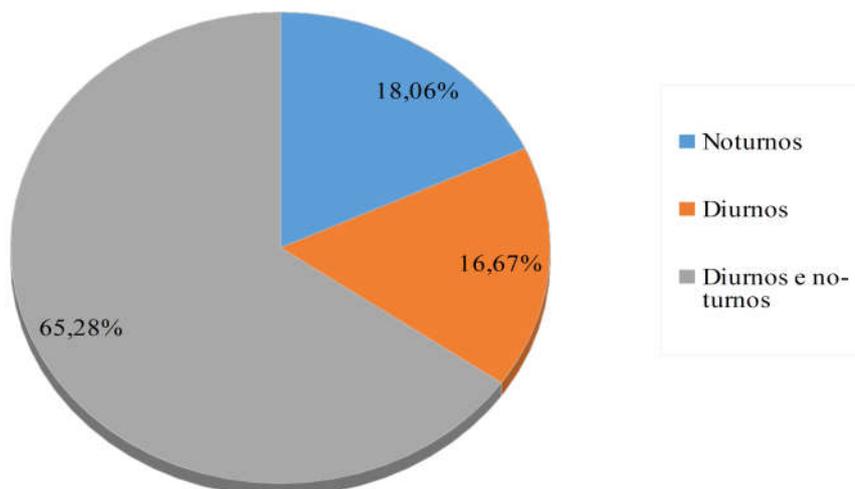


Figura 5 – Análise dos hábitos dos invertebrados contidos em Canto de Muro.
Fonte: Dados da análise.

Análise dos hábitos dos vertebrados contidos em Canto de Muro

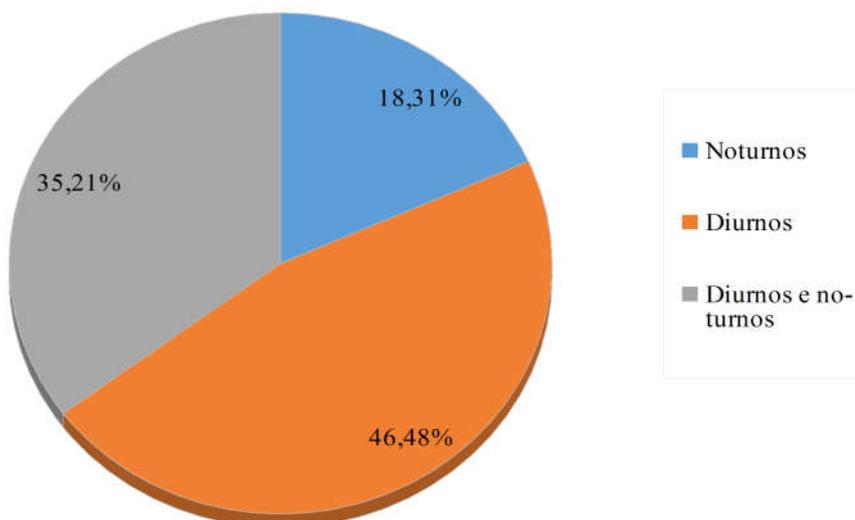


Figura 6 – Análise dos hábitos dos vertebrados contidos em Canto de Muro.
Fonte: Dados da análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as contribuições alcançadas a partir dos capítulos de Canto de Muro do autor Câmara Cascudo, foi possível a visualização de histórias que por diversas vezes pareciam-se mais com relatos de termos científicos baseados em pesquisas do autor. Os aspectos filogenéticos, as nomenclaturas científicas, e, os conceitos taxonômicos e comportamentais das espécies animais foram um alvo alcançado.

Foi perceptível também a compreensão da aproximação das informações aos conceitos biológicos, estas que fundamentaram importantemente na contribuição para a formação zoológica do leitor. A exploração zoológica tornou-se evidente durante toda a abordagem científica em que o autor baseou-se na construção de sua obra.

Constituiu-se eficaz na análise uma ocorrência maior de vertebrados, em especial as aves que em sua maioria foram retratadas no decorrer da obra. As tendências propostas nos títulos dos capítulos em revelar o sentido do texto foram destacadas e mencionadas. A disposição das diferentes temáticas em que o autor interpretou o papel de cada capítulo foi determinante para tomarmos como base o foco principal do livro. Os nomes aludidos aos científicos se fizeram mais presentes nos táxons invertebrados. Tornou-se clara a veracidade das informações científicas em relação à fauna explorada. Duas espécies descritas cientificamente na obra não ocorrem verdadeiramente em solos potiguaras. Por fim, analisamos que os invertebrados expostos são em sua maioria diurnos e noturnos, e, os vertebrados, diurnos.

Estamos satisfeitos por verificar que esta sugestão de trabalho trouxe dados para outras construções de projetos cientificamente elaborados voltados para a investigação de livros que despertem o prazer pelo ensino de zoologia, trazendo assim, a interdisciplinaridade para dentro das salas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabíola da Silva. A etiologia do “Canto de Muro”. Da Vinci. **Jornal Diário de Natal**: Ano IV, n. 34, p. 1, 2002. Disponível em: <http://www.ufrn.br/davinci/setembro/1.htm>. Acesso em: 16 jul. 2013.

ARAÚJO-DE-ALMEIDA, Elineí. Registros e divulgação de experiências efetivadas no ensino: práticas motivadoras na trajetória do professor e dos estudantes. **Revista Barbante**, v. 1, n. 3, p. 1-10, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Canto de Muro**. 4. ed. São Paulo: Global, 2006.

(83) 33, (2004)2.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

GALVÃO, Cecília. Ciência na literatura e literatura na ciência. **Interacções**, 3, p. 32-51, 2006. Disponível em: <<http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/C3.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

HOGUE, A. R. & ROMANO-HOGUE, S. A. R. W. L. Sinopse das serpentes peçonhentas do Brasil (2.^a ed.). **Mem. Inst. Butantan**, v. 42, n. 43, p. 373-496, 1978, 1979.

LACERDA, Eulício Farias de. Canto de Muro – um poema de linguagem da natureza. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 15, p. 211-217, 1969.

MARINHO, Paulo Henrique Dantas et al. Construção de abordagem lúdica e inovadora para aprendizagem do táxon Syndermata: o potencial de uma simulação telejornalística. In: Encontro Nacional de Ensino de Biologia, 4, 2012. Anais ENEBio. Goiânia, Goiás: **Revista da SBEnBio**, 2012.

MELLO, Luiza Larangeira da Silva. **O gorila, o homem e o robô**: a tensão entre tradição e progresso na obra Luís da Câmara Cascudo. (Monografia de bacharelado e licenciatura). Rio de Janeiro: PUC-Rio-Departamento de História, 2002.

MONTEIRO, Natiely Pricila Paiva & ARAÚJO-DE-ALMEIDA, Elineí. O tema ambiental veiculado por meio de mapas conceituais: ressaltando uma estratégia de ensino. In: SEABRA, Giovanni. (org.). **TERRA: Paisagens, Solos, Biodiversidade e os Desafios para um Bom Viver**. 1ed. Ituiutaba/MG: Barlavento, 2016, v. 1, p. 1523-1534.

NASCIMENTO, Maria Vitória Élide Et al. Educomunicação: uma estratégia para a conservação da biodiversidade. In: SEABRA, G.; SILVA, J, A. N.; MENDONÇA, I. T. L. (org.). **A Conferência da Terra**: aquecimento global, sociedade e biodiversidade. João Pessoa: EdUFPB, 2010, v. 1, p. 122-127.

NEVES, Alexandre Gomes. **Câmara Cascudo e Oscar Ribas**: diálogos no Atlântico. São Paulo: USP, 2008. 145 f. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRÍGUEZ-ACOSTA, Alexis. & REYES-LUGO, Matías.: “Hallazgo de *Tityus bahiensis* (Perty 1833) (Scorpiones: Buthidae) en Venezuela”. **Entomotropica**. v. 19, n. 2 p. 107-108.

SILVA, Marcos (org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo, Perspectiva, 2006.